Recital

Revista de Educação,
Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

O MAL-ESTAR DA ABORDAGEM PARTICULARISTA NA GEOGRAFIA

The malaise of geography´s particularist approach

Leonardo Luiz Silveira da SILVA
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais
leoluizbh@hotmail.com

DOI: https://doi.org/10.46636/recital.v3i3.241

Resumo

Este ensaio reflete sobre os problemas advindos das abordagens particularistas na Geografia. Concluímos que o excesso de particularismo diminui o interesse potencial pelos manuscritos acadêmicos, sendo este a principal causa do que chamamos de mal-estar. Utilizando analogia da área de saúde, falamos em profilaxia como um modo de lidar com este efeito negativo dos particularismos. Acreditamos que a avaliação metodológica se faz necessária em um trabalho excessivamente particularista, para que o trabalho acadêmico seja replicável em outros contextos. Confiamos que o caminho em questão contribua para a formação de trabalhos que, apesar de terem foco no excepcional, possam servir como um formidável banco de possibilidades metodológicas.

Palavras-chave: Método Idiográfico. Particularismos. Epistemologia.

Abstract

This essay reflects on the problems arising from particularist approaches to geography. We conclude that an excess of particularism diminishes the potential interest in academic manuscripts, which is the main cause of what we call malaise. Using an analogy from the health area, we talk about prophylaxis as a way to deal with this negative effect of particularisms. We believe that methodological evaluation is necessary in an excessively particularistic work, so

that the academic work is replicable in other contexts. We trust that the choice in question will contribute to the elaboration of works that, despite focusing on the exceptional, can serve as a formidable gathering of methodological possibilities.

Keywords: Idiographic approach. Particularities. Epistemology.

INTRODUÇÃO

Como em um comportamento cíclico, velhas discussões retornam à cena acadêmica geográfica ao sabor das experimentações dos geógrafos. Propomos reanimar um debate baseando-nos em um elemento inovador: neste ensaio refletiremos acerca do impacto das abordagens particularistas para a Geografia contemporânea. Apontaremos os efeitos negativos do particularismo excessivo e sugeriremos um procedimento que atenua tais efeitos. A título de esclarecimento, consideraremos como abordagem geográfica particularista o fatiamento temático de um trabalho acadêmico que envolva necessariamente um recorte de escala em nível municipal ou ainda mais detalhado: "A intolerância religiosa contra praticantes do Candomblé no bairro do Leblon no Rio de Janeiro nos anos 1980" poderia ser um título que alude a uma abordagem particularista. O particularismo geográfico envolve necessariamente o fatiamento espacial, como o exemplo nos mostra "bairro Leblon". Além do particularismo espacial, o exemplo ficcional que destacamos carrega outros particularismos entrecruzados como o temático (a intolerância religiosa), o social (praticantes de Candomblé) e o temporal (nos anos 1980). O particularismo do tempo também pode impor incisões mais detalhadas na análise geográfica, sendo, no campo da História, já problematizado no interior do rótulo "micro-história".

O que inspirou a escrita deste ensaio é a percepção da grande representatividade de publicações marcadas pelo particularismo geográfico nas revistas mais relevantes do cenário acadêmico brasileiro. A prestigiosa revista estrangeira *Progress in Human Geography* não têm permitido a publicação de abordagens particularistas, o que é explícito no seu conjunto de regras, dando foco em trabalhos direcionados às reflexões de cunho epistemológico[1]. É interessante pensar que a ideia de "progresso" está vinculada à rejeição de particularismos. Apesar de considerarmos que, ao longo do tempo, as linhas editoriais podem se distanciar dos títulos das revistas, antecipamos neste ponto do ensaio que a abordagem particularista não impede o progresso da Geografia. Este posicionamento precoce será retomado *a posteriori*, quando teremos a chance de expor a razão do mal-estar e os ajustes necessários para mitigar os problemas advindos do excesso de particularismo nas abordagens geográficas.

1 ENTRE O IDIOGRÁFICO E O NOMOTÉTICO

O Romantismo, mesmo antes da institucionalização acadêmica da Geografia, substanciou em certa medida o enciclopedismo. Ao romper com a racionalidade extrema, o Romantismo possibilitou abordagens que não buscavam interpretar o mundo a partir de leis geográficas, tal

[1] https://journals.sagepub.com/author-instructions/PHG

como ocorria no campo das ciências naturais. Diferentemente, pautavam pela excepcionalidade regional de um mundo que tinha seus horizontes eurocêntricos em expansão. Isso significa dizer que as longas descrições que exploravam detalhamentos regionais compunham imensos volumes de uma obra que se confundia com a própria biografia dos autores: essas eram as enciclopédias geográficas. Caso o autor não gozasse de boa saúde, as enciclopédias corriam o risco de se imortalizar inacabadas. Na história da Geografia chamamos a abordagem particularista de método idiográfico.

O surgimento de diversos departamentos acadêmicos nas áreas de humanidades ocorrido ao longo do século XIX certamente não pautou por pressupostos românticos. A justificativa para a montagem de um departamento era orientada pela ideia de que uma disciplina possuía consistência científica. Essa consistência, por sua vez, era rigorosamente amparada por princípios nomotéticos. Isso significa dizer que uma determinada disciplina que visava ser reconhecida como ciência precisava de teorias e leis, atendendo a uma ordem positivista do *zeitgeist* oitocentista. Temos aqui uma oposição entre o particularismo idiográfico e o caráter nomotético da ciência. Para fins didáticos, essa oposição muitas vezes se apresenta como uma divisão rígida de mundos, na qual os essencialismos da idiografia e da nomotética não toleram posições espectrais híbridas entre os dois polos rígidos e esplendidamente delimitados.

A Geografia se institucionaliza no seio do rigor nomotético. Na Alemanha, um dos berços da institucionalização, grandes nomes que passaram pelo departamento de Geografia tinham formação em ciências naturais, como, por exemplo, Friedrich Ratzel. Esse trânsito de profissionais das ciências naturais coaduna com o contexto histórico que aqui expomos. É interessante pensar que o próprio Ratzel usa e abusa das metáforas biológicas no ato de reflexão e comunicação acerca de fatos que aludem diretamente à ordem política e social, como no seu consagrado conceito *Lebensraum*, que propõe a analogia entre um Estado e um organismo.

Entretanto, a máxima social-construcionista segundo a qual "a Geografia é aquilo que os geógrafos fazem dela" consolida uma concepção flutuante dos pressupostos da disciplina, incluindo os métodos esquecidos, relembrados, proibidos ou inovados. Experimentações não nomotéticas e mesmo a perda de pretensão quanto à construção de um status científico para a Geografia puderam ser percebidas de forma cada vez mais notável ao longo do século XX. David Harvey usou uma frase que não nos sai da cabeça: "se a Geografia é uma ciência, ela o é de um tipo muito esquisito".[2] Desenvolveu-se a convicção de que não existem leis propriamente geográficas; o geógrafo pode usar leis em seus trabalhos, mas elas possuem origem em outras ciências. É importante notar que o particularismo representa uma ameaça notável ao cânone científico nomotético; afinal, a abordagem particularista aprofunda nas excepcionalidades de um dado recorte espacial e, mediante a complexa natureza das relações sistêmicas dos fatos geográficos, não é capaz de sustentar máximas de aplicabilidade universal. Dessa forma, a abordagem particularista na Geografia parece abandonar a pretensão de colocar a geografia no rol das ciências tal como os ditames positivistas consolidaram em nosso imaginário.

[2] HARVEY, David. **Explanation in Geography**. Bristol: Edward Arnold, 1986.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 3, n. 3, set./dez. 2021.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Foi notável a expansão da abordagem particularista após o questionamento acerca da ascensão neopositivista da Geografia (que se deu nos anos 1950-1960). Em diversos subcampos da Geografia os particularismos ganharam força: no interior da Geografia Humanista e também na Geografia Crítica, a partir de perspectivas muito diferentes, particularismos foram e têm sido explorados. Novas abordagens culturais também mostram a força do particularismo e, mesmo em trabalhos que versam essencialmente sobre aspectos do quadro físico, o particular tem sido destacado.

Acreditamos que o mal-estar do particularismo não recai sobre o status científico da Geografia. Consideremos esse assunto muito bem resolvido no interior dos debates epistemológicos que assistimos nos últimos 70 anos (referenciamos aqui a ascensão neopositivista como um momento inaugural do debate mais elaborado acerca do caráter científico da Geografia). O mal-estar do particularismo geográfico reside na forma de comunicar o trabalho científico. Quando mal empenhado, o particularismo pode esvaziar a função um trabalho científico. A comunicação deve ser, então, alçada a um patamar de grande preocupação por nossa parte. A publicação de um manuscrito nunca é o ato final: da mesma forma que um autor pode morrer antes de publicar um trabalho de grande relevância, efeito similar pode ocorrer em trabalhos que, apesar de publicados, não são lidos. O que pode fundamentar mais detidamente este mal-estar que envolve o particularismo e a comunicação?

2 O MAL-ESTAR

O termo mal-estar é uma paráfrase da perspectiva de estado civilizacional freudiano. Todavia, é empregado aqui em um microcosmo, como se a civilização fosse constituída pelo universo dos geógrafos. O mal-estar é pensado neste texto como um espírito de época, dotado de características agudas e recorrentes, manifesto em âmbito inconsciente à medida que faltam reflexões sobre o estado das coisas. A alienação da civilização metafórica – o universo dos geógrafos – nos inspirou a recorrer ao termo consagrado pelo baluarte da psicanálise.

Examinemos o mal-estar em suas nuances: o historiador Franklin Rudolf Ankersmit preocupou-se com os impactos do volume de informação para os estudos de sua área. Analisou que devido a oferta muito grande de manuscritos sobre a mesma temática, aumentou a responsabilidade do intelectual em realizar uma boa seleção de fontes. Destacou também que o corte no nível de detalhamento de uma problemática tornou-se uma importante questão epistemológica. São estes fenômenos decorrentes da contemporaneidade. A expansão da produção acadêmica, tanto em número quanto em qualidade, tem crescido exponencialmente. *Pari Passu* a esse movimento, destaca-se a facilidade em acessarmos textos produzidos nas mais longínquas universidades, fato que encontra sustentação no advento e na popularização da internet. Se os enciclopedistas românticos tivessem os recursos do nosso tempo, certamente nenhuma enciclopédia seria finalizada, pois a vida humana não teria o prolongamento necessário para lidar com a quantidade de informações. O volume colossal de informação traz ainda uma sensação inequívoca de que a totalidade não pode ser esgotada, e que os textos – sempre versões incompletas das possibilidades de abordagem – são apenas instrumentos arbitrários de comunicação. Isto é, o fato das fontes necessariamente serem selecionadas como meio

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 3, n. 3, set./dez. 2021.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

indispensável para a finalização de uma pesquisa carregam os textos de viés. Em nossa opinião, isso não deveria impossibilitar a hierarquização da qualidade de narrativas comparáveis, mas infelizmente tem acontecido, sob a sombra odiosa da falácia das *fake news* e do antiacademicismo.

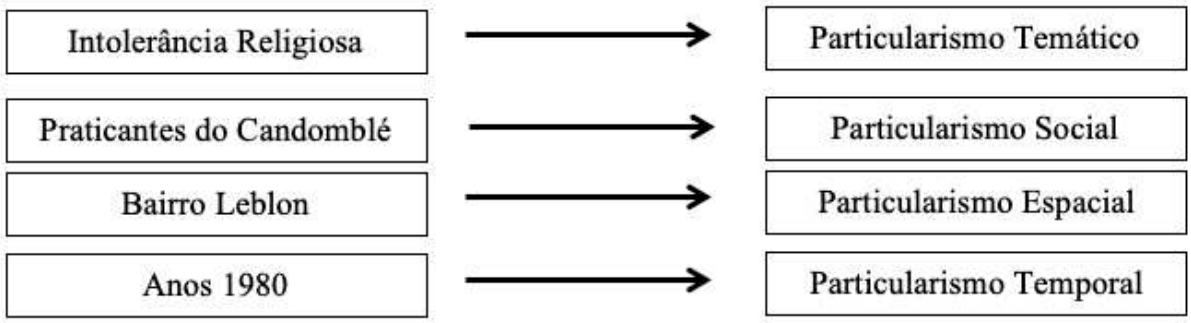
Nesse contexto, a comunicação torna-se muito importante. Nossa percepção aponta para a existência de certas tendências consolidadas na Geografia brasileira que são difíceis de serem desconstruídas e, por suas características, prejudicam a comunicação. Dentre essas tendências destaca-se a expectativa – ilustrada pelo retorno de pareceres pertencentes ao corpo de periódicos de expressão – de que artigos acadêmicos:

a) requentem conceitos já muito consolidados academicamente e que são apresentados sem um denso suporte teórico, somente com referencial bibliográfico; percebe-se comumente a exigência por aprofundamentos teóricos já pacificados sem que haja a contrapartida da dilatação do número de páginas do texto submetido;
b) não possam ignorar certos autores que pertençam à sagrada escritura da Geografia, com o perdão da ironia aqui posta;
c) não possam abordar em um mesmo artigo ideias congruentes de autores advindos de linhas diferentes, como se eles não pudessem concordar em nenhum elemento no vasto império do pensamento geográfico.

O que se nota, quando se observa essa cartilha, é uma tendência à padronização e à repetição. Entendemos que no interior desses três elementos destacados haja espaço para uma problematização mais detida, mas no momento vamos nos abster; afinal, existem desdobramentos maiores e tão sérios quanto esses e que estão ligados ao particularismo geográfico.

Qual é a razão da abordagem particularista na Geografia causar um mal-estar? Recuperemos o título ficcional que propomos na abertura deste ensaio para propor uma figura de valor didático:

Figura 1: A intolerância religiosa contra praticantes do Candomblé no bairro do Leblon no Rio de Janeiro nos anos 1980.



Fonte: Autoria própria (2021). Modelo ficcional.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 3, n. 3, set./dez. 2021.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

O entrecruzamento dos particularismos faz com que a abordagem seja de uma especificidade que diminui o seu público-alvo ao ponto de o estudo incorrer no risco de não encontrar os potenciais interessados após a publicação. Esse é um risco recorrente nos particularismos e nós mesmos reconhecemos que outrora produzimos publicações em um estágio de nosso desenvolvimento intelectual em que essas questões passavam muito distantes do rol de nossas preocupações. Notem que a questão aqui não é sobre a legitimidade da geografia enquanto ciência, mas sobre uma questão comunicativa: a quem serve um estudo extremamente particularista?

Na Geografia, o primeiro particularismo que pensamos é o espacial; mas esse dificilmente está sozinho. Conjuntamente, outros particularismos entrecruzados acrescentam a excepcionalidade da abordagem. É doloroso admitir, mas o ineditismo de um trabalho não garante sua relevância.

Soma-se ao particularismo a repetição de uma cartilha enfadonha encorajada pela expectativa de pareceres positivos nos periódicos e *voilà*: temos uma grande chance de estarmos diante de um produto que foi muito mais trabalhoso do que útil.

É importante no final dessa seção frisarmos: não defendemos o banimento do particularismo. Contudo, são necessários ajustes, uma profilaxia para o mal-estar.

3 A PROFILAXIA E ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Defendemos que o mal-estar do particularismo na Geografia manifesta-se na comunicação. Não acreditamos que a abordagem particularista seja essencialmente inadequada. Confiamos que um trabalho acadêmico exige dedicação suficiente para que desejemos que nossas ideias sejam úteis aos leitores. Para tanto, o particularismo precisa melhor comunicar. Isso significa penetrar nos domínios epistemológicos e ajustar alguns parâmetros.

Parcela expressiva daqueles que se encorajam a ler um artigo acadêmico vislumbram a possibilidade do manuscrito ser útil em uma pesquisa específica ou mesmo para a aquisição de um arcabouço intelectual mais sólido. Uma abordagem extremamente particularista pode colocar em risco o cumprimento das duas expectativas. Ao recortar em demasia um objeto, a excepcionalidade do estudo de caso encontra dificuldade em ser minimamente referenciável em outros contextos; ao mesmo tempo, o caráter de exceção da abordagem acaba trazendo ao leitor a sensação de que outras leituras deveriam ter sido feitas anteriormente, por serem mais relevantes do que aquelas informações excepcionais que integrariam, se muito, notas de rodapé de outro estudo com tema similar. Em uma analogia, o cenário alertado colabora para que a Geografia porte-se como um caranguejo, deslocando-se lateralmente e reproduzindo o que já existe, sem que o novo surja e seja assimilado.

Assim, acreditamos ser uma tarefa muito importante dos estudos particularistas a incorporação da reflexão sobre como o método adotado pode auxiliar em outros contextos. Poderia caber ao leitor esse exercício hermenêutico. Entretanto, o autor da pesquisa é aquele que mais reúne condições de refletir sobre as dificuldades e possibilidades metodológicas. Assim sendo, a leitura atenta dos detalhes do particularismo cresce em sentido, pois substancia a compreensão

crítica da utilidade dos métodos empregados (incluindo a possibilidade do fracasso ou as suas limitações). Pensando em uma ciência que avança apoiada no trabalho comunitário dos cientistas, parece-nos que esse ajuste é mais do que aconselhável. Uma rede de particularismos bem resolvidos na seara epistemológica permite a intermediação metodológica, atribuindo segurança aos estudiosos e lançando luz às sendas da investigação científica. Sejamos profiláticos quanto ao mal-estar do particularismo.

Confessamos nutrir o receio de que a leitura deste manuscrito possa causar a impressão de que somos tão míopes quanto à miopia que criticamos. Basta, para tanto, que o leitor conclua que nossa crítica ao determinismo particularista ocorra amparada em outra forma de determinismo: o que propõe uma dicotomia simplória entre generalização e particularismo e os aborda de forma maniqueísta, tal como uma batalha entre o bem e o mal. André Comte-Sponville, em o *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*, traz uma reflexão que aprioristicamente pode soar como um paradoxo similar. Nos termos de Comte-Sponville, ser tolerante não é tolerar tudo, pelo menos se quisermos fazer com que a tolerância seja uma virtude. Entre posições polarizadas – como as que se distribuem entre a tolerância e a intolerância ou o particularismo e a generalização – existem intermediações, entrelaces, interdependências e retroalimentações. É plausível que entre extremos viva a justa medida entre o dito e contradito.

Ademais, estamos cientes de que toda crítica possui viés e arbitrariedade. Não nos vemos fora desse prisma e não temos a pretensão de assim nos fazer entender. Acreditamos que, apesar de nossa linguagem incisiva e os apontamentos direcionados a situações muito práticas – incluindo certa dose de pragmatismo discursivo –, não adotamos uma postura rigidamente condenatória. Uma evidência é o fato de tolerarmos o particularismo, mas não tolerarmos certas formas nas quais o particularismo é contemplado na abordagem geográfica.

Recebido em: *5 de setembro 2021*

Aceito em: *11 de dezembro 2021*